

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 14 DE SETEMBRO DE 1862.

N. 19.

A ESPIA OU O SEGREDO DOS CARBONARIOS. POR FREDERIC SOULLIÉ

(Continuação)

—Faviani, lhe disse ella. chegarão-me hoje noticias de Napoles; ellas exigem huma grande resolução minha; quero consultar-vos a este respeito.

—Entendo, disse vivamente o marquez, algumas cartas de vossa familia que exigem huma separação. Oh! senhora, segui os seus conselhos; não tendes necessidade dos meus. A estas palavras levantou-se para sahir.

Enganais-vos, disse a marqueza, e a meu pesar tocais em hum objecto, que ha muito tempo eu tinha tencionado não tocar. O que tenho que perguntar-vos, pergunta-lo-ia a hum estranho, ao homem que não estivesse ligado a mim por cadea alguma, se soubesse que tinha direito de lhe fallar de um segredo que não he só meu.

Faviani se tornou a sentar. Pareceu ter curiosidade deste interesse da vida de Fiavilla, desta resolução a tomar, separada de seus direitos e vida de esposa. Ella continuou:

—Hoje huma mensagem me trouxe noticia da prisão dos senhores... (Disse os nomes que tinha ouvido na praia de Napoles.) Faviani se chegou para ella.—Seu crime, continuou, vós o sabeis; parece que houve huma traição: vós sabeis qual he, neste caso, a justiça dos carbonarios: condemna o trahidor a morrer.

—Que trahidor? exclamou Faviani: quem he o trahidor?

Não o conheço, respondeu Fiavilla com perfeita simplicidade, mas parece que está em França.

—Em França! repetio Faviani, lançando em roda de si hum olhar assustado, como se receasse ouvir sahir seu nome de algum canto escuro desse quarto.

—Está designado quem deve executar a sentença.

—Es tu talvez? disse Faviani.

—Não o creio respondeu ella friamente. Não seria á fraqueza de huma mulher que quererão confiar huma tão terrivel execução. Talvez seja a vós, talvez a algum outro. Entretanto, querem-se assegurar ainda da fidelidade de todos aquellos que já derão o juramento fatal, antes de revelar o nome da victima e o do algoz. Esta nova promessa exige-a de vós: pedirão-ma.

—A vós? disse Faviani olhando para a marqueza com terror.

—A mim, repetio ella olhando-o com firmeza.

—A vós só? perguntou elle ainda.

—A mim só, respondeu a marqueza.

Hum silencio bastante longo se seguiu a esta res-

posta. Faviani, com os olhos fitos diante de si, deixava apparecer em seu rosto as mil emoções que o despedaçavam. Sem estar certo da verdade, já a entrevia. Lembrava-se das seducções da condessa; lembrava-se das confidencias imprudentes que ella lhe promettêra esquecer, e adivinhava que sua leviandade as tinha dito. Seu amor ainda não tinha supposto que a condessa podesse ser criminosa. De repente, deixando-se captivar por essa cegueira em que se comprazia a andar desde que se não atrevia mais a olhar para o caminho que tinha escolhido, e só podendo dar ás noticias de Fiavilla huma conclusão que o accusava directamente e a elle só, exclamou, abanando a cabeça:

—Tudo isto he apenas huma fabula inventada por alguns loucos para reviver hum espirito moribundo de conspiração, e he preciso que tendes perdido a cabeça para lhe dar o menor credito! Quem he esse mensageiro? algum intrigante, que só achou esse meio para vir mendigar á França em nome da patria. Quem he essa victima, e quem he esse algoz, esse trahidor, e esse seide? Sem duvida algum homem pacifico, de que algum espadachim espera tirar alguns escudos. Onde pois está esse tribunal, essa sentença? Haverá lá hum punhal em cruz posto sobre o peito do criminoso, com essas palavras escriptas sobre a lamina?—He esta a justiça dos carbonarios?—Minha querida Fiavilla, he huma historia de francmaçons a que quizerão dar realidade, e que te fizerão acreditar como a huma criança.

O marquez, depois deste discurso, com que se aturdira a si mesmo, se preparava a sahir do quarto, quando Fiavilla lhe disse docemente:

—Se essa he a vossa opinião, dizei-me o que devo responder a Spaffa quando elle vier esta noite saber o que decidi.

—Spaffa! he Spaffa que está aqui? disse o marquez parando immediatamente.

—He Spaffa o mensageiro respondeu Fiavilla, pondo-se entre Faviani e a porta... sois vós a victima, disse ella levantando a voz, e eu sou o algoz, acrescentou avançando para Faviani.

—Tu! disse o marquez rindo-se, mas pallido de terror! tu! huma fraca mulher que eu esmagaria com hum gesto. E fallando assim, chegou-se para ella, como para lhe persuadir o seu poder. Ella levantou sómente a mão e lhe respondeu:

—He preciso muita força para deitar veneno em hum copo?

Ah! exclamou Faviani com os olhos turvos e como ferido pelo raio, tu me evenenaste.

Fiavilla olhou para elle com ar indissolvel, e lhe disse com hum tom, em que a seu pesar se mostrou a desesperação:

Esqueceste-vos que, a oito dias, resta apenas nesta casa hum pedaço de pão, e que não sou eu mais quem se senta á vossa mesa?

Faviani cahio atterrado sobre huma cadeira. Fia-

villa derramou ardentes lagrimas. Desta vez hum terror verdadeiro e sem subterfugio tinha entrado no coração do marquez ; o nome de Spaffa lhe fez saber todo o sério da ameaça. Levantou-se ; caminhava pelo quarto como hum insensato, não podendo fitar hum só pensamento em seu espirito, incapaz de hum partido qualquer que fosse ; por fim parou junto de Fiavilla.

—Então, lhe disse elle, vistes Spaffa ?

Hum sinal lhe respondeu. Elle continuou :

—Foi elle que vos contou essa historia, que me accusou, que vos deu esse veneno ?

—Foi elle, disse a marqueza soluçando.

—E vós o recebestes ! disse Faviani irritado : vós o recebestes ! e com que fim o recebestes ?

—Ei-lo aqui, disse Fiavilla, voltando-se para seu marido e levantando os olhos para elle, nos quaes por entre suas lagrimas, brilhava a mais pungente supplica : eu o recebi para te salvar. Escuta : eis-aqui as proprias palavras de Spaffa : Tu es a primeira votada a esta obra de vingança, depois de ti eu depois de mim outro, depois desse, mil : entendes, Faviani, tu conheces Spaffa, era a morte, a morte certa. Aceitei para te salvar. Agora he preciso que partamos, que immediatamente deixemos esta cidade para nunca mais voltar a ella, que vamos para algum escuro paiz desconhecido, com nomes suppostos, e o trabalho por unico recurso.

Calou-se porque Faviani a não escutou mais : tinha elle ficado no lugar da ameaça de Spaffa, e já tornado de sua primeira surpresa, meditava os meios de lhe escapar.

—Depois de ti, elle, disse o marquez reflectindo profundamente depois d'elle, outro. Oh ! a sorte de Spaffa aterrará esse.

A estas palavras preparou-se para sahir. Fiavilla se atirou a seu encontro.

—Onde vais, Faviani ? lhe disse ella.

—Que vos importa ? respondeu elle brutalmente.

—Onde vais ? repetio ella com terrivel resolução.

—Vou assegurar minha salvação, replicou o marquez.

—Tudo está prompto para a fugida, disse Fiavilla.

Faviani a repellio com desdem.

—A fugida ! repetio elle ; não quero deixar Paris.

—Onde vais então ? disse Fiavilla. Vais denunciar Spaffa, miseravel ?

—Se eu não soubesse que já estais louca, respondeu Faviani ironicamente, estas palavras m'o certificariao. Eu vou, vós o disestes, vou denunciar Spaffa, e entregar á justiça hum assassino desesperado, hum miseravel, verdadeiramente miseravel, elle.

—Que ! e he isso tudo o que obtive de meu sacrificio por ti, Faviani ! porque deves saber que, recusando obedecer, associei-me á tua trahição, e que a morte fica sendo a minha recompensa.

—Inutil ameaça, replicou Faviani, inutil ameaça de que a prisão nos livrará a ambos.

—Que ! exclamou Fiavilla, não basta ter dado tantas cabeças aos algozes de Napoles, queres mandar tambem a sua ao algoz de Paris ?

—Devo esperar pacificamente o seu punhal ?

—Já te disse que podes fugir.

Já te respondi que não queria fugir.

Ah exclamou a marqueza, entendo enfim : he preciso que fiques em Paris para arrastar tua vida deshonrada aos pés dessa infame prostituta, que por ouro vendeu o segredo que te pagou com seus immundos beijos.

—Fiavilla, cala-te gritou o marquez.

—E para que ? respondeu Fiavilla. He porque podes matar-me quando acabo de salvar-te a vida ? Já não és bastante bravo para o ousar. Podes denunciar-me, eis-ahi tudo. Pois bem, vai mas não á casa de hum magistrado, não á casa de hum homem encarregado honrosamente da segurança dos cidadãos ; vai á casa de hum desses baixos e infames agentes da policia, assalariados para estragar as consciências, para manchar as existências que toçao, para tornar infame a salvação que procurão ; vai á casa desse abjecto e immundo espião, vai á casa da tua amada !

—Fiavilla ! gritou ainda Faviani, em quanto todo o seu corpo tremia como vibra huma corda teza.

—Sim, continuou a marqueza sem reparar nesse grito terrivel, foi ella cujo amor julgavas tão puro, cuja pudica ternura tão santamente saboreavas ; foi ella que, depois de te ter arrastado pela lama e reduzido a seu nivel, foi ella que entregou a cabeça dos teus amigos ; ella se esqueceu de hum, tu vais completar a lista, he justo ; tu não podes ficar atrás della : vai, vai pois sereis digno hum do outro.

—Ah ! exclamou Faviani com desprezo, seja Deos louvado ! agora adivinho toda esta comedia. Meditaste por muito tempo esta historia ? Criaste-la só, ou Spaffa te auxilliou ? Era, sem duvida, huma finura admiravel, fazer-me fugir immediatamente sem a ter visto, deixando-me a desesperação de a suppôr criminosa ; mas, Fiavilla, tu não eras bastante forte para este papel ; teu odio te trahio, teus insultos furiosos me disserão a verdade. Adeos, pobre mulher, adeos, a condessa de Palla me espera para huma festa.

Fiavilla cahioatterrada sem força e de joelhos diante d'elle, mas elle a afastou brutalmente e sahio sem escutar seus soluços nem seus gritos.

(Continúa.)

Pedro e seu amo.

Sob este titulo pretendemos escrever uma serie de artigos que tendão unicamente a dizer verdades sem que firãmos ou offendãmos o melindre, reputação, honra, virtudes, bem estar *et magna reliqua* de pessoa alguma.

Não penetraremos o lar domestico para que não nos chamem de bisbilhuteiro ou couza que o valha.

E, para que deixemos desde já nossos leitores e leitoras, (com estas, poucas, bem poucas graças queremos porque são mais *sabidas* que nós) descansados e sem receio de nos lerem expliquemos a materia.

Seguiremos, passo á passo certos *marrecos* e certas *pombas sem fel* (é offença ?) em suas gloriosas *conquistas*.

Para isso, declaramos desde já a nossos

leitores em geral, que possuímos um *molecote* de 18 annos de idade, fallando *desembaraçadamente* o portuguez e com *arte* o francez; bastante *espirituoso* e *sagaz*; traça *libré* completa, coturnos por fóra da calça de gazemira amarella: é elle encarregado de nos narrar *tim, tim*, por *tim, tim* do quanto poder espreitar nos bailes, espectaculos, reuniões do quanto se passar por esta bella cidade e for digno de especial menção. (Não queremos comtudo imitar ao *Chronista*).

Esse *moleque* que temos offerecidos aos influentes das sociedades, para, com a bandeja com copos com agua, liquores & & servir as *Senhoritas*, esse *moleque*, repetimos, chama-se *Pedro*: e *Pedro* nos informará com minuciosidade, rectidão e justiça de tudo quanto tiver visto e ouvido por onde andar, e será elle proprio o portador de nossos agradecimentos ou sençuras á aquelles a quem nos dirigirmos.

No theatro terá elle um lugar muito especial para poder apreciar os dramas, e expectadores e depois nos contar tudo.

Começemos, pois a nosa *lenda* dizendo:

Pedro--prepare-se com todo o esmero e revista-se do costumado desembaraço: vá-procurar aos *Senrs. e authores* da *União*; diga-lhes que Você nos dias 6 e 7 do corrente esteve a pé quedo, das 3 horas da tarde em diante, na porta do salão em que essa sociedade dá os seus bailes, na esperança de que fastejassem com um baile o anniversario da *união* e liberdade do povo que occupa a maior parte do novo mundo; mas que não vendo até as 10 horas da noite nenhum signal disso se retirou para casa e extranhou essa falta imperdoavel commettida por esses *Senrs*; deixando assim Você de cumprir seus deveres, sendo privado de offerecer ás *demoiselles* um cópo com agua.

Dirá tambem que, essa falta acarretando graves censuras, não admittê desculpa, porq' desdizem-se completamente do titulo de *arromba* com que *baptizarão*, mas não *confirmarão*, a sociedade; e tanto assim que, se com effeito é *união* deveria mostrar-se nesse grandioso dia.

Dirá ainda que já começamos a nutrir desconfiança da *união* e quasi estamos

persuadidos que ella caminha á redução de *unidade*. Entretanto aguardamos ansiosos (e você tambem, *Pedro*,) o proximo baile em que *alguem* enformará a você a razão porque não foi festejada a Independencia com uma reunião da *união*.

Não se esqueça, pois, *moleque*, do quanto lhe deixamos dito e das recommendações que lhe fazemos.

Depois, disso, *Pedro*, dirija-se ao *Paraizo* é de nossa parte, diga ao seu *Empresario* que, não sendo elle brasileiro e *unido* mostrou mais patriotismo que elles e que por isso lhe tributamos agradecimentos. Siga d'ahi ao theatro procure o *menino moça* e diga-lhe que brilhou e que aquella louca amarella lhe assentava perfeitamente e realçava muito.

Comprimente aos nossos impagaveis João do Prado, José Theodoro e Fagundes que brilharão; e ao *Senr. Cypriano*, por ter tido a idéa de escolher um tão bello drama para ser levado a scena no dia da nossa gloriosa Independencia, diga-lhe com todo o emphase--*bravo! bravissimo! viva o patriotismo!!...*

--Muito bom, nonhô! muito bom! muito bom!!..

--Ah! e o *Senr. Carnioli* nonhô? Aquelle cavalheiro que tão bem comprehende as partes que lhe são distribuidas nada digo a elle, nonhô?

--Oh! sim, dir-lhe-has que continue a dar-nos o prazer de ve-lo em scena muitas vezes; e que o *gaz* e o certo *nonchalance* com que elle se apresenta são motivos para que seja sempre bem acolhido.

--E depois nonhô?

--Depois dirija-se a rua Augusta, entre em caza do *Senr. Nicolás*, onde aquelles moços *bonitos* costumão fazer suas reuniões *palestricas*, compremente-os com toda sagacidade e garbo de *próa a popa*, fassa uma grande barretada ao *Senr. Francisco das môças* e depois diga-lhes que pertendes no proximo Domingo visitar-lhes de minha parte e contar-lhes certas *lendas, ouvidas*, e *contadas* de certos *marrecos* dessa *pandega*.

--E aos *Senrs. Zè de Christo* e *Jove Iano* nada digo a elles?

--Escuta *Pedro*: diz-lhes-has tão so.

mente , na retirada depois de teres filado de cada um delles um charuto , apertando-lhes a mão: *Irta como chócão á moda de Jacaré!!* . . e ao retirar-se comprimente a todos, com o mesmo--*gaz* do louvavel costume.

--Só nonhô ?

--Por ora só ; va depressa. não se esqueça do que lhe recommendo; e depois de dar seu passeio, para *ouvir, ver,* e indagar do que , se *passa, conta-se,* e ha por essas *ruas, becos, esquinas e largos* volte a relatar tudo.

Muito bom, muito bom nonhô!
Pedro e seu amo.

POESIA.
SONETOS.

Era uma fada tão suave e pura ,
Que ao vel-a o coração m'estremecia
E minh'alma exalar se parecia
Em aroubos de magica ternura.

Era um typo de etherea formosura,
Que as imagens do Céu reproduzia ,
Era um anjo no exilo que dormia
Insencível a tanta desventura.

Cego de amor contei-lhe minhas dores ,
Dediquei-lhe minh'alma enternecida
E sagrei-lhe meus unicos amores.

Ouvi-me a historia--não ficou sentida .
Vio-me em torturas--não mudou de cores
Era uma estatua estúpida e sem vida.

Dr. Francisco Octaviano.

Tem na face de neve a cor do pejo
E nos languidos olhos a do Céu pintada,
E' nuvem d'oiro , a trança desatada ,
Cobrinho o seio a soffregó desejo.

Em seus labios de rosa era um só beijo
De mais , para ser-me a vida esvaporada
Pois só um seu sorriso d'enleada
Quasi morta de amor minh'alma veijo.

Não tem anjos do Céu, como as tem ella
Tão lindas formas, tanta graça e encanto
Nem a terra possui virgem mais bella.

Nem lá nem cá tambem já se amou tanto
Como eu sempre te amei casta donzella
Que um anjo foras não ser meu pranto.

Dr. Silveira de Souza.

Era anjo ou saraphim cuja magia
D'enlevo todo o ser me arrebatava
Era o ente ideal com que sonhava
Cuja imagem o peito me prendia.

Era o sonho continuou--se dormia
Era a forma que eu via--se velava
Era tudo que ao mundo me ligava
Só a quem por mim na dor entercedia.

Cego na adoração, mystico enleio
Em que a alma se partia docemente ,
Tentei em vão ao meu unir seu seio.

Não quiz repeliu-me friamente
Quebrou tanto mysterio sem receio
Era apenas mulher e tão somente.

Dr. João Ignacio Silveira da Motta.

Declarações.

Rogamos aos Srs. assignantes de este periodico que se achar em debito de suas assignaturas a bondade de mandar saptisfazel-as, pois ser paga adiantada é uma de suas condições.

A decifração do Logogripho do n. 18 é
-Cavalla e do enygma peltresco-A penna
faz a revolução e a espada a desfructa.

Typographia Catharinense
de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta
N. 23.—1862.

ENYGMA PITTORESCO.

Vezes
Vezes
Vezes
Vezes
Vezes

MENTIRA

CON



PLO

verdade